

O embate de Orfeu e Narciso contra Prometeu: a relação entre renúncia e satisfação instintual na obra de Marcuse

Cristian Arão Silva de Jesus⁶¹

Resumo: Ao examinar a dinâmica do processo civilizatório, Marcuse percebe que certos valores se constituíram como dominantes da cultura ocidental. Por outro lado, existiriam outros conjuntos de valores que foram subjugados ao longo da história, mas que poderiam tornar a vida humana mais harmoniosa e prazerosa. Para representar tais projetos de civilização, Marcuse se vale de referenciais mitológicos. Prometeu seria o representante dos valores presentes na civilização ocidental. O titã representaria o sacrifício, a abnegação e até mesmo o amor à labuta. Do lado oposto estariam Orfeu e Narciso, que seriam as imagens da fruição e da liberdade. Neste artigo pretende-se analisar a crítica de Marcuse à cultura prometéica e a sua proposição de uma cultura órfico-narcisista.

Palavras-chave: Prometeu, Orfeu, Narciso, renúncia, satisfação.

Introdução

A crítica feita por Marcuse à civilização tem como base a assertiva freudiana de que o processo civilizatório está diretamente ligado à renúncia instintual. Partindo dessa premissa, o filósofo pretende revelar questões políticas e sociais da teoria psicanalítica que estariam presentes, mas que não foram desenvolvidas. Com o auxílio da psicanálise, Marcuse pensa ser possível fazer um diagnóstico da civilização, bem como pensa ser possível oferecer um prognóstico, de modo a não deixar o vácuo de uma crítica vazia. Dessa forma, surge a proposta de uma civilização que se norteie tendo em vista a satisfação e não mais a renúncia.

Em 1955, Marcuse publica *Eros e civilização* em que propõe uma interpretação filosófica do pensamento freudiano. Após 10 anos de pesquisa, ele propõe uma junção entre a psicanálise e o marxismo.

61. Licenciado em Filosofia e mestrando em Filosofia pela Universidade Federal da Bahia.

Ocupei-me dessa dimensão negligenciada do marxismo, sobretudo, após a Segunda Guerra Mundial, quando estudei Freud mais cuidadosamente depois de 1945, a história se repetia: de novo ascensão e derrota da revolução, macarthismo, guerra fria, degeneração do regime soviético. Naquela época ficou claro para mim, sem dúvida sob a influência da Escola de Frankfurt, que o marxismo havia negligenciado um aspecto fundamental, uma das precondições da revolução, a saber a necessidade de uma mudança radical na consciência e no inconsciente do ser humano, na sua psicologia, nas suas necessidades nas suas aspirações. (MARCUSE, apud LOUREIRO, 2009, p. 212)

A partir daí, Marcuse buscará Freud para tratar das lacunas do pensamento de Marx. De Freud, ele se valerá basicamente do caráter axiológico da sua crítica à civilização, contudo, fará uma crítica ao caráter “essencialista” da crítica freudiana. Com isso, Marcuse espera não cair num pessimismo sobre a impossibilidade de haver uma cultura que não cultive o sofrimento. Isso porque na teoria freudiana não é desenvolvido o caráter histórico da “natureza humana”.

A tese inicial sobre a civilização comum aos dois autores é:

A livre gratificação das necessidades instintivas do homem é incompatível com a sociedade civilizada: renúncia e dilação na satisfação constituem pré-requisitos do progresso. Disse Freud: A felicidade não é um valor cultural. A felicidade deve estar subordinada à disciplina do trabalho como ocupação integral, à disciplina da reprodução monogâmica, ao sistema estabelecido de lei e ordem. O sacrifício metódico da libido, a sua sujeição rigidamente imposta às atividades e expressões socialmente úteis, é cultura. Essa incompatibilidade faz com que a civilização se desenvolva cultivando o sacrifício, e o progresso é diretamente ligado com a ausência de liberdade. (MARCUSE, 1975, p. 27)

Sendo assim, Marcuse irá desenvolver os aspectos de um “diagnóstico” dessa cultura repressiva, que também recebe o nome de “cultura pro-

meteica”, para que seja possível pensar em uma outra civilização. Uma civilização que se baseie não em fruição, e não no sofrimento.

Prometeu, o herói da labuta

Em *Eros e civilização*, há uma referência a um personagem na mitologia grega que representaria o sacrifício e a labuta: Prometeu, que é um titã, filho de Jápeto e de Clímene. A lenda conta que é dele a responsabilidade de roubar o fogo no Olímpio e entregar à humanidade. O mito em questão aparece em diversas obras da antiga Grécia, sendo que as mais importantes são a peça trágica de Ésquilo, *Prometeu acorrentado*, e os poemas de Hesíodo. Nas obras do poeta, o personagem mítico surge primeiramente na *Teogonia*, mas tem sua história mais bem desenvolvida no poema *O trabalho e os dias*. Segundo Junito de Souza Brandão⁶², essa história trata, dentre outras coisas, da necessidade do trabalho. Assim como no terceiro capítulo do gênesis, que trata da punição de Adão, a parte da história de Hesíodo, que aborda Prometeu, versa também sobre o trabalho como castigo divino.

O mito conta que como punição, o embusteiro dos deuses foi agrilhado ao cume do monte Cáucaso onde tinha um abutre que vinha lhe devorar o fígado todos os dias. Ao anoitecer, o fígado se regenerava para que a ave pudesse se alimentar novamente após a alvorada. Durante muito tempo, o fígado foi considerado a sede das paixões; analisando por esse ângulo, podemos pensar que Prometeu tem sua paixão devorada durante o dia, e a regenera de noite. Talvez isso possa nos remeter à rotina do trabalho laboral.

O síndrome instintivo infelicidade e trabalho repete-se amiúde nos escritos de Freud, e a sua interpretação do mito de Prometeu tem por fulcro a ligação entre a sujeição da paixão sexual e o trabalho civilizado.

O trabalho básico, na civilização, é não-libidinal, é labuta e esforço; a

62. BRANDÃO, 2009, p. 152.

labuta é desagradável e por isso tem de ser imposta. (MARCUSE, 1970, p. 86)

Mas a representação de Prometeu enquanto sofrimento não se restringe ao trabalho. O trabalho é só uma das partes que constituem a civilização que é toda ela prometeica. O trabalho é penoso, porque a civilização é calcada no sofrimento. “Sofrer é parte da civilização”. (FREUD, 2011, p. 31)

Em Marcuse, Prometeu representa justamente essa civilização que é abnegação.

Mais especificamente, abordaremos os heróis culturais que persistiram na imaginação como símbolos da atitude e dos feitos que determinaram o destino da humanidade. E logo de saída defrontamos com o fato de que o herói cultural predominante é o embusteiro e o rebelde (sofredor) contra os deuses, que cria a cultura à custa do sofrimento perpétuo. Ele simboliza a produtividade, o esforço incessante para dominar a vida; mas, na sua produtividade, abençoada e maldita, o progresso e o trabalho sofrido estão inextricavelmente interligados. Prometeu é o herói-arquétipo do princípio de desempenho⁶³. (MARCUSE, 1970, p. 147)

O filósofo alemão nos conta que o herói cultural da nossa civilização é o sofredor. Assim como Prometeu, que tem o produto do seu crime glorificado (e por isso, o próprio sacrifício necessário também é glorificado), em nossa cultura o sacrifício é também muito valorizado. A preguiça – não o sacrifício – é tida como algo ofensivo, e a renúncia é aclamada. Portanto, a civilização prometeica é a civilização do sacrifício, da renúncia e do trabalho forçoso. Partindo disso, seria interessante tentar achar a causa disso, como e por que a cultura se ligou tão estreitamente com o sofrimento.

63. Princípio de desempenho é uma categoria que será explicada mais adiante neste trabalho. Por agora, basta compreender que esse conceito diz respeito à civilização que preza pelo desempenho e possui uma intrínseca relação com a renúncia.

A civilização ocidental e o sacrifício

A pedra angular da crítica marcusiana à civilização é “A proposição de Sigmund Freud, segundo a qual a civilização se baseia na permanente subjugação dos instintos humanos”. (MARCUSE, 1970, p. 27) Marcuse recorre à psicanálise, para entender como funciona esse processo de subjugação, que não é necessariamente imposto de fora do sujeito. O principal objetivo do autor é entender como essa repressão ocorre dentro do indivíduo. Portanto, para esse projeto, faz-se necessária a análise da civilização através de categorias psicológicas.

Para entender o funcionamento do aparelho mental na lógica freudiana, faz-se necessário compreender o desenvolvimento e consecução dos “princípios”, que são conjuntos de valores.

São três os princípios propostos por Marcuse para explicar o desenvolvimento da cultura: princípio de prazer, princípio de realidade e princípio de desempenho. Os dois primeiros conjuntos de valores foram propostos por Freud em *O mal-estar na civilização*, e o terceiro surge de uma “extrapolação” que o autor de *Eros e civilização* faz da obra do psicanalista. Segundo Freud, o homem sempre age tendo em vista o prazer (satisfação instintual) e o afastamento do desprazer (renúncia instintual). Durante o livro em questão, o psicanalista discorre como essa relação “prazer-desprazer” aparece no desenvolvimento da humanidade. Freud “supõe”⁶⁴ que num período pré-civilizatório, a “humanidade” vivia sob o domínio do princípio de prazer. Esse tipo de conjunto axiológico está ligado unicamente ao prazer momentâneo, é um modo de viver que exige recompensas instantâneas e plenas aos desejos, não há mediação nada que faça mediação, interrompa ou desvie a satisfação instintual. Para Freud, “A sensação de felicidade ao satisfazer um impulso instintual selvagem, não domado pelo ‘Eu’ é incomparavelmente mais forte do

64. Digo “supõe” porque essas afirmações de Freud são de caráter especulativo. Ele não se vale exatamente das conclusões vindas da experiência clínica.

que a obtida ao saciar um instinto domesticado”. (FREUD, 2011, p. 23) Ou seja, essa satisfação plena, presente no princípio de prazer, é única e qualquer interferência que se ponha entre o desejo e sua realização enfraquece consideravelmente o prazer. Contudo, é de se imaginar a dificuldade de viver num mundo que funcione sob o imperativo do prazer. É necessário para a vida humana que se crie algum limite para o gozo ininterrupto, pois do contrário a humanidade se extinguiria. O psicanalista aponta três motivos que levaram o “homem” a abandonar todo esse estado de fruição e criar alguma forma de repressão. Dois deles dizem respeito à relação do homem com a natureza, e o último diz respeito à autorregulação. Em relação à natureza, a renúncia instintual se apresenta como necessária, quando o homem percebe a fragilidade do seu corpo “fadado ao declínio e à dissolução.” (FREUD, 2011, p. 20) e quando se sente acuado pelo poder da natureza externa. Desses dois problemas surge a necessidade de criar mecanismos de defesa e controle da natureza, seja ela representada pelo próprio corpo humano, seja pela vida fora dele. Por outro lado, existe também o problema da vida social. Foi preciso criar uma espécie de regulação para amenizar a violência, de modo a facilitar o convívio em grupo. Foi preciso criar normas que regulem as pessoas. Nesse momento, emerge outro conjunto de valores, devido às intempéries da vida natural e social, o homem é empurrado a pensar, daí surge a razão – o “Eu”.

[o homem] aprende a examinar a realidade, a distinguir entre bom e mau, verdadeiro e falso, útil e prejudicial. O homem adquire as faculdades de atenção, memória e discernimento. Torna-se um sujeito consciente, pensante, equipado para uma racionalidade que lhe é imposta de fora. (MARCUSE, 1970, p. 35)

Em resumo, o princípio de realidade supera o princípio de prazer porque não seria possível manter a vida num estado de gozo pleno, o homem seria aniquilado pela natureza ou iria se autodestruir. Para

Freud, é com essa repressão que surge a civilização, o homem ganha um diferencial que o distinguirá de outros animais: a racionalidade. Todavia, com essa repressão o prazer não é esquecido, nem rechaçado. “O homem aprende a renunciar ao prazer momentâneo incerto e destrutivo, substituindo-o pelo prazer adiado, restringido, mas garantido”. (MARCUSE, 1970, p. 35) Então, a primeira aparição da renúncia na história é feita pra salvaguardar o próprio prazer.

Entretanto, essa mudança ocasionada pelo princípio de realidade não se limitou à restrição do tempo destinado ao gozo. Segundo Freud, essa modificação implicou numa alteração na estrutura da psique humana. Isto quer dizer que o contínuo renunciar “viciou” o aparelho psíquico de modo a criar uma repressão mais que necessária. A evolução da civilização segue emparelhada com a evolução da repressão.

Em Freud, esse desenvolvimento da cultura como sofrimento parece um processo irreversível. Apesar de reconhecer o caráter opressivo da civilização, o psicanalista se mantém como um defensor do processo civilizatório e não propõe nenhuma solução para esse problema. Para ele, a saída desse “mal-estar” reside na capacidade do indivíduo se relacionar com esse tipo de mundo que aí está posto. Sinteticamente, podemos dizer que são duas as formas que o sujeito tem para isso: amar e trabalhar.⁶⁵

Herbert Marcuse, apesar de aceitar essa crítica de Freud à civilização, imagina que ainda assim seja possível pensar num outro tipo de cultura. Para isso, ele vai buscar uma “tendência oculta na psicanálise” que o permita oferecer um caráter sócio-histórico à teoria freudiana, dessa forma “desnaturalizando” o caráter repressivo da cultura. Segundo ele: “A Psicologia Individual de Freud, é em sua própria essência uma Psicologia Social”. (MARCUSE, 1970, p. 36) De fato, a obra de Freud possui um grande traço universalista que o leva a dialogar com as Ciências Sociais.

65. FREUD, 2011, p. 24-26.

Em *O mal-estar na civilização*, ele está obviamente preocupado em tratar um problema da civilização, assim como em *Totem e Tabu*, como aparece no prefácio, ele espera contribuir para a Antropologia. Ao desvelar essa tendência oculta, Marcuse apresenta dois conceitos: mais-repressão e princípio de desempenho.

“Mais-repressão” é o termo criado para designar a repressão que vai além das necessidades biológicas. Nela estão contidas “as restrições requeridas pela dominação social. Distingue-se da repressão (básica): as modificações dos instintos necessários à perpetuação da raça humana em civilização.” (MARCUSE, 1970, p. 51) Com essa distinção, Marcuse quer afirmar que o estado de repressão mais que necessária não é uma essencialidade para a civilização, e sim um problema social e político.

A distinção entre repressão e mais-repressão que Marcuse realiza é considerada “uma das condições mais importantes para a integração das descobertas da psicanálise e do materialismo histórico, para a fusão de Freud e Marx”. Horowitz julga que apesar de os termos “repressão básica” e “mais-repressão” haverem sido cunhados por Marcuse, a distinção a que eles se referem- entre repressão necessária e inevitável e desnecessária e evitável- não era desconhecida por Freud. “Mas a psicanálise não poderia- por razões estratégicas, ideológicas e científicas- sugerir a possibilidade de uma civilização não-repressiva. (KANGUSSU, 2006, p. 30)

De fato, parece que o próprio Freud já pensara sobre uma repressão mais que necessária. N’*O mal-estar na civilização*, há um questionamento justamente sobre como as instituições que são criadas pelos homens não servem para o bem-estar e proteção dos mesmos⁶⁶. Já em um texto denominado “A questão da renúncia”, há também um questionamento acerca de uma repressão mais que necessária, mas que também não é desenvolvido.

66. FREUD, 2011, p. 30.

Com o desenvolvimento do conceito de uma repressão que extrapole o campo do necessário, Marcuse pôde pensar como essa repressão aparece na cultura contemporânea e, dessa reflexão, surge a possibilidade de pensar o princípio de realidade na história. Na contemporaneidade, sob a mais-repressão, esse conjunto axiológico se apresenta a nós como princípio de desempenho.

O conflito entre sexualidade e civilização desenrolasse com esse desenvolvimento da dominação. Sob o domínio do princípio de desempenho, o corpo e a mente passam a ser instrumentos de trabalho alienado; só podem funcionar como tais instrumentos se renunciam à liberdade do sujeito-objeto libidinal que o organismo humano primariamente é e deseja. (MARCUSE, 1970, p. 59)

Para o autor, o problema não é que exista algum nível de renúncia instintual (princípio de realidade), mas como essa renúncia se desenvolve na psique humana e passa a abranger domínios cada vez maiores a ponto de ser desnecessária. Sendo assim, não há uma incompatibilidade entre o princípio de prazer e o princípio de realidade. O antagonismo se dá entre o princípio de prazer e o princípio de desempenho.⁶⁷ É somente sob o princípio de desempenho que a moralidade repressiva alcança o seu ápice. Somente nessa condição que a labuta é glorificada e o sacrifício se torna uma condição necessária.

Dessa forma, partindo desse esclarecimento, pode-se imaginar e arquitetar uma civilização que consiga manter a sua existência somente com a repressão necessária (básica), assegurando assim tempo livre para o gozo.

Como apresentado, ao percorrer essa trajetória Marcuse entrará num domínio pouco habitado pelo pensamento político de até então, o domínio do psíquico. Partindo disso, ele examina como a repressão funciona dentro do indivíduo através do princípio de desempenho.

67. MARCUSE, 1970, p. 60.

Todavia, o filósofo da Teoria Crítica vai encontrar os limites da teoria freudiana. Em Freud, não é possível pensar uma civilização que não haja sofrimento, renúncia. Assim sendo, é cometida uma extrapolação da psicanálise com o intuito de superar esse limite e poder arquitetar uma cultura não repressiva.

A noção de uma civilização não-repressiva será examinada não como uma especulação abstrata e utópica. Acreditamos que o exame está justificado com base em dois dados concretos e realistas: primeiro, a própria concepção teórica de Freud parece refutar a sua firme negação da possibilidade histórica de uma civilização não-repressiva; e segundo, as próprias realizações da civilização repressiva parecem criar as condições para a gradual abolição da repressão. (MARCUSE, 1970, p. 28)

Com o movimento epistêmico de criar dois conceitos (princípio de desempenho e mais-repressão) ao incluir as condições sócio-históricas no pensamento de Freud, Marcuse resolve o problema da falta de historicismo na psicanálise e apresenta a possibilidade de pensar uma cultura não repressiva.

A música de Orfeu e a beleza de Narciso

Marcuse recorre novamente à mitologia grega para ilustrar qual seria o *ethos* que estaria presente numa civilização não repressiva. Assim como Prometeu é o personagem que representa a labuta, os referenciais desse “homem novo” que estariam presentes numa cultura não repressiva e que representariam a liberdade e a satisfação são Orfeu e Narciso.

Narciso é aquele que recusa o amor de todos e todas porque se apaixonara por sua própria imagem refletida em um rio, porém ele nunca soube que era ele próprio o seu objeto de desejo, e assim tragicamente se atira ao rio para ir de encontro ao seu amado e acaba morrendo. Assim sendo, Narciso é aquele que recusa o Eros do “mundo”, contudo, essa recusa não representa de nenhuma maneira um ascetismo.

Narciso recusa as outras pessoas por uma ausência de Eros, ele recusa porque deseja outra coisa, porque está apaixonado por si mesmo, ainda que não saiba que é sua a imagem que vê sob a flor d'água.

Para pensar em como tal mito pode constituir um outro tipo de relação de valores, Marcuse se valerá do conceito de narcisismo primário de Freud. Esse conceito designa um certo tipo de erotismo que parte de um autoerotismo e surge antes da formação do Eu, antes que o indivíduo consiga distinguir seu corpo do mundo. Para Marcuse, esse conceito é:

Noção de uma libido não-diferenciada e unificada, anterior à divisão em ego e objetos externos. Com efeito, a descoberta do narcisismo primário significou mais do que adicionar apenas mais outra fase ao desenvolvimento da libido; com ele ficou à vista o arquétipo de outra relação existencial com a realidade. O narcisismo primário é mais do que o autoerotismo; abrange o meio, integrando o ego narcisista e o mundo objetivo. A normal relação antagônica entre ego e realidade externa é apenas uma forma e estágio ulterior da relação entre ego e realidade. (MARCUSE, 1970, p. 153)

Apesar desse tipo de libido surgir antes da vida adulta, no primeiro capítulo de *O mal-estar na civilização*, Freud afirma que esse narcisismo persiste na constituição psíquica do indivíduo maduro, em outro texto, afirmará também que está presente em todas as pessoas⁶⁸. Com essa interpretação da teoria freudiana, Marcuse espera poder pensar uma nova relação do ego com o mundo exterior. Para o autor, essa postura narcísica gera um sentimento de “unicidade com o universo”⁶⁹. Em última análise, isso representa uma diminuição da fronteira sujeito-objeto, é uma outra forma de relação homem-natureza diferente daquela do princípio de desempenho em que era necessária a exploração porque a natureza aparece como um simples objeto que está à disposição. Portanto, do autoerotismo o que surge não é um egoísmo nem um ascetismo, o que ocorre é uma forma de reconciliação do homem com a natureza.

68. FREUD, 2012b, p. 89.

69. MARCUSE, 1970, p. 15.

A ideia central é que quanto maior é a separação entre sujeito e objeto, maior é a dificuldade de “sensibilizar” as relações. Por isso, essa relação do homem com a natureza na cultura prometeica se apresenta como trabalho forçoso. Numa civilização não repressiva, a ideia é que essa relação se torne jogo, divertimento (a exequibilidade e a caracterização mais clara de tal posição aparecerão adiante neste trabalho).

O outro personagem que representa essa posição axiológica é Orfeu. Orfeu é um bardo que vence as demandas sem precisar lutar, com a sua lira ele apazigua as feras e encanta os adversários. O mito conta que ele desce até o submundo de Hades para trazer de volta a vida a sua mulher, Eurídice. No entanto, apesar de levar ao sono o cão Cérbero (guarda do submundo) e convencer Perséfone (mulher de Hades) a levar Eurídice consigo, ela se torna uma estátua de sal antes que pudesse abandonar o submundo. A partir daí, o bardo passa a recusar as propostas amorosas de todas as outras mulheres, assim como Narciso: “A tradição clássica associa Orfeu à introdução da homossexualidade. Tal como Narciso, ele rejeita o Eros normal, não por um ideal ascético, mas por um Eros mais pleno. Tal como Narciso, protesta contra a ordem repressiva da sexualidade procriadora.” (MARCUSE, 1970, p. 155) A homossexualidade constitui uma das partes do que Marcuse chamou de “sexualidade polimórfica”⁷⁰. Para ele, é necessário que o impulso sexual não se restrinja à reprodução monogâmica, isso quer dizer que o prazer deve se estender para além do coito, ou da preparação para o coito. O prazer foi relegado para as áreas genitais, pois o resto do corpo foi se desenvolvendo para ser instrumento de trabalho, por isso esses “heróis culturais” representam como surgem outros valores através da mudança do caráter da libido.

Por outras palavras, o narcisismo pode conter o germe de um diferente princípio de realidade: a catexa libidinal do ego (o próprio corpo do indivíduo) poder-se-á converter na fonte e reservatório para uma nova

70. MARCUSE, 1970, p. 15.

catexe libidinal do mundo objetivo transformando esse mundo em um novo modo de ser (...)

As imagens órfico-narcisistas são as da Grande Recusa: recusa em aceitar a separação do objeto (ou sujeito) libidinal. A recusa visa à libertação à reunião do que ficou separado. (MARCUSE, 1970, p. 154)

Conclusão

Através da leitura de Freud, Marcuse percebe que a história da humanidade é também a história de sua repressão. Ele se valerá de referenciais mitológicos, que são chamados heróis culturais, para explicar como funciona essa necessidade da autorrepressão. Para ele, Prometeu é o herói cultural que representa os valores da civilização do sacrifício. O sofrimento diário do titã representa a labuta, que é o sofrimento diário do ser humano. Talvez, outros personagens mitológicos pudessem expressar de forma igual ou até melhor a relação do homem com o trabalho forçoso, como é o caso de Sísifo, que tem que carregar diariamente uma pedra para o alto de uma montanha para que ao final ela desça rolando e ele tenha que repetir o trabalho no dia seguinte. Todavia, existe mais um elemento no mito de Prometeu que o coloca mais em proximidade com a filosofia marcusiana. A pena diária do titã é ter seu fígado devorado por uma ave. Tal órgão foi considerado muito tempo como o receptáculo das paixões e, para Marcuse, o trabalho forçoso “rouba” a energia libidinal. Então, assim como Prometeu tem sua paixão devorada diuturnamente, o trabalhador tem sua energia erótica expropriada. Dessa forma, se percebe uma intrínseca ligação entre o sacrifício e a repressão da sexualidade. Sendo assim, para que haja uma libertação das potencialidades humanas, é necessário que se liberte a sexualidade.

A liberdade sexual surge como forma de libertar as potencialidades de unificação do ser com o todo, dessa forma, transformando a luta

pela existência em uma atividade lúdica. Nesse ponto, a importância da sexualidade reaparece. Assim como o sacrifício é o cerceamento da sexualidade, para uma civilização que não exista renúncia, é necessário que se libertem as energias libidinais. Para Marcuse, a libertação dessas energias reorganizaria as relações sociais. Para isso, a mitologia grega aparece mais uma vez, as figuras de Orfeu e Narciso se mostram essenciais para compreender o pensamento marcusiano sobre a libertação. Estes são os heróis culturais antagônicos de Prometeu, eles representam a fruição e a liberdade, as suas posturas em relação a sexualidade são a representação da recusa em participar da repressão e criar uma nova ordem. A música encantadora de Orfeu e a beleza inebriante de Narciso são os representantes opostos da ditadura do desempenho, da força e da insensibilidade da cultura prometeica.

Portanto, é deste modo que Marcuse pensa os problemas da civilização e suas condições de resolução. Ele parte de uma crítica ao sistema político-econômico contemporâneo para perceber a sua origem e o que o mantém de pé ainda hoje. Dessa forma, ele faz a sua teoria revolucionária baseada na construção de uma nova forma de vida em que não se cultive a labuta, e sim o gozo.

Referências bibliográficas:

MARCUSE, Herbert. Eros e civilização. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1975.

_____. A ideologia da sociedade industrial. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1973.

_____. Cultura e Psicanálise. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

BRANDÃO, Junito Souza de. Mitologia Grega Vol. I. São Paulo: Vozes, 2009.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. Totem e Tabu - Obras completas Vol. I I. São Paulo: Companhia das Letras, 2012a.

_____. Moisés e o monoteísmo, esboço de psicanálise e outros trabalhos. São Paulo: Imago, 2006.

_____. História de uma neurose infantil (“o homem dos lobos”), além do princípio de prazer e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2012b.

KANGUSSU, Imakulada. Leis da Liberdade - A Relação Entre Estética e Política na Obra de Herbert Marcuse. São Paulo: Loyola, 2006.

LOUREIRO, Isabel. Herbert Marcuse, crítico do capitalismo tardio: reificação e unidimensionalidade in: ALMEIDA, Jorge de; BADER, Wolfgang (org.). Pensamento alemão no século XX. São Paulo: Cosac Naif, 2009.

NOBRE, Marcos (Org.). Curso Livre de Teoria Crítica. Campinas SP: Papirus Editora, 2008.

REPA, Luiz; TERRA, Ricardo. Dossiê Teoria Crítica. Cad. CRH., Salvador: n. 62, 2011.